

Encontros de Novas Dramaturgias 5.^a edição

P.57

Do encontro,
duas conversas

CONVERSA

Sílvia Pinto
e Leonor

Coelho
Barata

P.81

Hide The Pain Harold

Luís Araújo

P.135

Light on Light

Carminda

Soares

P.147

Cinderela

Lígia

Soares

P.263

Demasiado

Daniel Gamito
- Marques

ESPETÁCULOS

P.33

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Walter Benjamin, de uma época à outra

Bruno Tackels

P.75

CONFERÊNCIA EMANCIPADA

Em 2017, disse à Lígia Soares que a amava

Mariana Dixe

P.115

SEMINÁRIO

Marinada Abel Neves

P.225

SEMINÁRIO

Seminário mais e menos José Maria Vieira Mendes

P.245

RESIDÊNCIA DE ESCRITA

Última memória - The world ends all the time Sara Carinhas

24

FEV

Walter Benjamin, de uma época à outra P.33

Bruno Tackels

C O N F E R Ê N C I A D E A B E R T U R A
Walter Benjamin sempre apresentou interesse pelas várias formas de reprodução, desde o palco do teatro até as primeiras experiências da televisão. Contra todas as expectativas, o crítico dos médias de reprodução – fotografia, rádio e cinema – sempre manteve uma ligação muito forte com o palco, quer seja o teatro da sua época ou de um passado esquecido, desde o seu trabalho sobre os dramas barrocos do século XVII, às infindáveis notas dedicadas às *Passages parisiens*, passando pelas suas experiências radiofónicas e, principalmente, a sua relação privilegiada com os artesãos do novo teatro que se cria, de Moscovo a Berlim: Bertolt Brecht, é claro, cuja evolução seguirá de perto até a invenção do teatro épico, que será um dos primeiros a comentar, mas também Asja Lacis, encenadora da Letónia por quem se apaixonará perdidamente, e cujo trabalho artístico é tão essencial quanto desconhecido. Ela deu a sua vida a crianças perdidas, imaginando com elas novas formas, formas emancipatórias. Paralelamente, analisa com delicadeza a evolução da fotografia e do cinema, deixando-nos *insights* que nos permitem desofuscar as novas tecnologias que estão a transformar as nossas vidas à escala do planeta. O acesso generalizado que estas permitem materializa e incorpora o expoente máximo da exibição, previsto por Walter Benjamin. Tal como ele próprio deduziu que os meios de reprodução iriam desassossegurar e remodelar radicalmente a forma como passaríamos a escrever e comunicar. *Walter Benjamin, de uma época à outra* foi traduzido para português por Raquel Fernandes, a partir de *Walter Benjamin, d'une époque à l'autre*.

Local: Auditório, 15:00

Do encontro, duas conversas P.57

Sílvia Pinto Coelho e Leonor Barata

C O N V E R S A
Para além da coincidência no espaço e no tempo, que condições são necessárias para haver encontro? A partir da primeira palavra do nome do festival “Encontros” (de Novas Dramaturgias), desdobramos a ideia de “dramaturgias do encontro” e convidámos duas pessoas para conversar. Neste “encontro”, Sílvia Pinto Coelho pensa e conversa com Fernanda Eugénio e com Leonor Barata, em momentos diferentes, sobre as possibilidades do encontro e do desencontro. A ideia de mapear a “dramaturgia do encontro” foi lançada numa conversa informal entre Sílvia Pinto Coelho, Fernanda Eugénio e Miguel Castro Caldas, no contexto do AND_Lab, em 2013. Púnhamos, então, a hipótese de criar uma oficina de “dramaturgia do encontro”, mas tal nunca chegou a ser concretizado.

Local: Café-Teatro, 17:00

Em 2017, disse à Lígia Soares que a amava

P.75

Mariana

Dixe

C O N F E R Ê N C I A E M A N C I P A D A

A tendência para escrever perguntas aumenta drasticamente com o exercício das sinopses – deviam fazer-se ensaios e teses de mestrado sobre isto. *Em 2017, disse à Lígia Soares que a amava* é uma tentativa de responder às perguntas que ninguém me fez mas que nem por isso deixam de existir. São saltos no tempo, que é o que faz sentido dizer-se, mas os tempos são também as pessoas, os lugares (os que eu escolho e os que me são atribuídos), os títulos, as memórias e os acasos. Gosto de olhar para este texto como um “quadro de psicopata”. Acho que lhes chamam quadros de detetive, de evidências ou quadros de investigação mas eu, por algum motivo, associo-os mais aos assassinos. Uma tela de cortiça, com fotografias, recortes, bilhetes, pioneses e um fio de lã vermelha que une cada pedaço de papel. À primeira vista, é uma trapalhada, mas a linha não foi posta à sorte.

Local: Casa das Caldeiras, 18:00

Hide the Pain Harold

P.81

Luís

Araújo

E S P E T Á C U L O

Hide The Pain Harold é uma foto de um modelo de um banco de imagens que em 2011 se tornou um meme. Um homem grisalho sentado numa mesa, uma mão segurando uma chávena de café, a outra num teclado de um portátil. Ele está a sorrir, mas seus olhos contam uma história diferente, cheia de arrependimento, dúvidas, medo e tristeza. O homem por trás do meme é Andrés Arató, um ex-engenheiro elétrico, que diz ser uma pessoa feliz. Neste espetáculo-meme-percurso criado por Luís Araújo, o leitor será Harold e irá deambular pela sua vida tentando dar sentido ao seu entorno, numa espécie de choose your own adventure do quotidiano. Todas as escolhas que tomar afetarão o desenrolar do percurso e, sobretudo, a vida de Harold. O final desta história só depende de quem a ler. Fazendo uso do formato tradicional dos livros *choose your own adventure* e recorrendo a QRcodes, o objetivo é criar um espetáculo-percurso irrepitível e absolutamente individual.

Local: Auditório, 21:00

25

FEV

Marinada

P.115

Abel

Neves

S E M I N Á R I O

No mosaico antigo, daqueles que os romanos tanto gostaram de fazer, abrilhantando os pavimentos, as tesselas cumprem a função das letras num texto escrito. Assim possa entender-se *Marinada*: um mosaico que, sem pedacinhos de vidro ou mármore, não oferece imagens fixas, mas um contínuo de palavras em movimento, apresentando uma coleção de sinais e de breves confissões numa marinada de ingredientes cultivados no teatro.

Local: Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, 10:00

Light on Light

P.135

Carmina

Soares

E S P E T Á C U L O

Light on Light convoca o espetador para uma corrida em grupo que começa dentro de um teatro e avança pela rua. Esta corrida é conduzida por um jogger e acompanhado por uma peça áudio que passa nos *headphones* de cada espetador. Partindo de uma voz intimista, falada ao ouvido, o espetador é assim levado ao confronto com o espaço urbano fazendo alternar a sua atenção entre a consciência do seu corpo, os “seus” pensamentos e o exterior que este corpo atravessa. *Light on Light* investe na ideia de movimento como ação essencial ao pensamento, num confronto constante entre corpo e cidade, movimento e imobilidade, vida e morte. *Light on Light* foi um trabalho desenvolvido ao longo do Laboratório END, com acompanhamento artístico de Lígia Soares

Local: Foyer, 15:00

Cinderela

P.147

Lígia

Soares

E S P E T Á C U L O

Um homem e uma mulher entram em cena e aproximam-se um do outro dispendo-se com cuidado e técnica numa pose romântica que se estende a toda a duração do espetáculo. Com o intuito de criar uma metáfora em torno dos contos de fadas que povoam o imaginário de todos nós, Lígia Soares apresenta *Cinderela*. Uma peça de teatro que se assume como um diálogo sobre o amor romântico que, na resistência à mudança de posição, revela uma analogia à imobilidade social. Os atores Crista Alfaiate e Cláudio da Silva representam uma Cinderela e um príncipe dos tempos modernos, um casal atingido por um conflito latente, decorrente das assimetrias dos seus estratos sociais. A versão cénica de *Cinderela* foi apresentada na 4ª Edição do Festival END (2019).

Local: Auditório, 21:00

26

FEV

Seminário mais e menos P.225

José Maria Vieira Mendes

S E M I N Á R I O

Existe uma velha e provavelmente falsa discussão nas artes em volta do aprimoramento da técnica ou da sua recusa. No âmbito das artes performativas, costuma dizer-se que determinado intérprete “vai bem” ou “vai mal” para criticar o seu desempenho e há quem valorize a dicção de uma atriz ou a precisão dos movimentos de um bailarino. Do mesmo modo, e ao longo do século XX, assistiu-se a movimentos que precisamente contestavam a ideia de técnica recusando o virtuosismo. No momento pós-duchampiano e pós-conceptual que se vive na arte contemporânea ocidental, “fazer mal” é muitas vezes “fazer bem”. A partir de alguns exemplos de artistas contemporâneos de diferentes áreas, iremos familiarizar-nos com as possibilidades que esta discussão pode abrir, até sermos capazes de resvalar para um campo a que habitualmente se chama “vida”. Porque se, nas artes, fazer mal pode ser fazer bem, na “vida” continua a valorizar-se quem sabe fazer bem. É com a ajuda deste enquadramento que procurarei dar conta das preocupações e materiais que estão neste momento a alimentar o próximo trabalho de escrita em que estou envolvido, juntamente com a Mariana Sá Nogueira e a Paula Sá Nogueira, do Cão Solteiro, e a Patrícia da Silva, para um espetáculo a estrear em 2022 no TAGV em Coimbra. E se ir mal no teatro corresponder a ir mal na vida? E o que fazer quando não sabemos fazer bem, quando, no meio de uma pandemia, sentimos que tudo é mal feito? Será que alguma vez fazemos bem? Queremos mesmo fazer bem?

Local: Auditório, 15:00

Última memória – The world ends all the time P.245

Sara Carinhas

R E S I D Ê N C I A D E E S C R I T A

O projecto *Última Memória*, agora em processo de residência artística, pesquisa e reflexão, pretende construir um objecto que encontre o seu equilíbrio entre a improvisação no momento e a partilha de um guião fixo, que contenha textos entrecortados por memórias, pensamentos avulsos, citações, referências que alimentem as ideias – ao jeito de imitação da técnica de “*stream of consciousness*” dominada por Virginia Woolf. É também a partir da autora que se vem construindo a ideia de espetáculo como festa, celebração de aniversário, que, tal como em Mrs. Dalloway, pode ser, a qualquer momento, interrompida pela morte. Pensado para ser uma trilogia, *Última Memória* (neste livro com o subtítulo *The world ends all the time*), adivinha-se agora como um só espetáculo que liga os seus temas principais – a perda da memória e a necessidade de inscrição – confundindo-os em narrativas circulares, às arrecuas, repetindo-se, variando, e falhando, tal como acontece com os processos da memória e sua constante ficção. Esta residência de escrita, dentro de um livro, vem alimentar a experiência: habitar, pelas palavras, como se fosse corpo e gesto, o espaço-papel. Aqui pode residir a dúvida e a rasura, a ‘coisa’ de arestas não limadas, o forro de tudo o que será – mesmo que estanque no tempo.

Local: Sala de Ensaios, 18:00

Demasiado

Humano

P.268

Daniel

Gamito-Marques

E S P E T Á C U L O

A crença num ideal de progresso pôs em causa não só o equilíbrio do planeta, mas a nossa própria sobrevivência. A ciência deu-nos várias respostas sobre o que é ser “humano”, mas as grandes transformações dos nossos tempos fizeram com que todas as respostas parecessem pequenas. Precisamos, portanto, de voltar às perguntas. *Demasiado Humano* transporta os espetadores para os momentos em que três pacientes oscilam entre a vida e a morte. Partindo de casos concretos e de pessoas que realmente existiram, tocamos em momentos de vulnerabilidade total para percebermos onde está o cerne da nossa humanidade. Perante a maior crise das nossas vidas, uma crise que nos obriga a repensar quem somos e qual o lugar que ocupamos no mundo, somos forçados a chegar ao limite do que é ser humano. Esta é uma travessia difícil mas absolutamente necessária, pois se alguma coisa há que nos possa salvar, ela estará no lugar de onde todos os caminhos partem. *Demasiado Humano* foi um trabalho desenvolvido ao longo do Laboratório END, com acompanhamento artístico de Patrícia Portela

Local: Auditório, 21:00

Viriato

Teatro

P.387

CONFERÊNCIA EMANCIPADA

Um monstro que escreve com várias mãos | Beatriz Brás

P.313

RESIDÊNCIA DE ESCRITA

Volta para a tua terra

K e l i
Freitas

P.517

SEMINÁRIO

Estafeta dramaturgica:
8 x 8

Ricardo Cabaça

P.659

SEMINÁRIO

Lançar de dados – um seminário,
por escrito, sobre o teatro

Pedro
Eiras

P.679

SEMINÁRIO

A merda acontece

Henrique Furtado Vieira

ESPETÁCULOS

P.395

Coreografia

João dos
Santos
Martins

P.555

A fragilidade de
estarmos juntos

Miguel Castro
Caldas

P.649

Onironauta

Tânia Carvalho

P.715

Missed-en-Abîme (1917–
1921) Psicobiografia

Rogério
Nuno
Costa

de um Herói Perdedor

27

FEV

Volta para a tua terra P.313

Keli

Freitas

R E S I D Ê N C I A D E E S C R I T A
Volta para a tua terra é um projeto de criação da brasileira residente em Portugal, Keli Freitas que parte da iniciativa de ir ao encontro dos rastos de sua bisavó, nascida no ano de 1900, em Torres Vedras. O trabalho marca o segundo episódio de uma trilogia de buscas por mulheres da sua árvore genealógica através de lugares que estas mulheres habitaram e que marcam, de alguma maneira, a sua história comum. *Volta para a tua terra* foi criado em colaboração com Crista Alfaiate e Mariana Ricardo.
Local: Sala Estúdio, 15:00

Um monstro que escreve com várias mãos P.387

Beatriz

Brás

C O N F E R Ê N C I A E M A N C I P A D A
Este projeto conta com o meu testemunho não só como participante na Escola do Espectador Emancipado, mas sobretudo enquanto criadora e membro integrante de um coletivo teatral – os auééú, uma companhia de teatro de Lisboa formada em 2014 –, que cria a sua própria escrita para cena de forma coletiva, horizontal e vadia, tendo como resultado espetáculos que combinam várias linguagens e universos, havendo uma apropriação e reciclagem de materiais exteriores. Pretendo refletir sobre o processo de escrita coletiva e de que forma isso se revela um ato político e social.
Local: Biblioteca do Teatro, 18:00

Coreografia P.395

João dos Santos Martins

E S P E T Á C U L O
Como seria se uma dança falasse expressivamente para que se fizesse entender? *Coreografia* foca-se na relação entre a coreografia enquanto suporte artístico não-comunicativo e a língua gestual como sistema de vocabulário baseado em gestos cujo fundamento é, precisamente, viabilizar a comunicação na esfera social. A coreografia, tal como imaginada por Raoul Feuillet no seu tratado, era redigida, primeiro, em papel, e só posteriormente interpretada e transposta para o corpo. João dos Santos Martins centra-se neste paradoxo, tentando articular processos de incorporação e apropriação em dança. *Coreografia* foi criado a partir do projecto homónimo, estreado em 2020, no Teatro Nacional D. Maria II [no âmbito do Alkantara Festival].
Local: Auditório, 21:00

28

FEV

Estafeta dramatúrgica: 8x8 P.517

Ricardo

Cabaça

S E M I N Á R I O
 Projeto de caráter experimental que propõe uma abordagem menos umbilical em relação à obra. O projeto teve início com a escrita de oito peças curtas, desencadeando-se em seguida uma sucessão de trocas de textos entre os dramaturgos envolvidos. Assim que o botão das trocas é pressionado, tudo pode acontecer, realmente tudo. A troca de peças entre dramaturgos tem como propósito a apropriação da peça pelo outro para nela poder inscrever a sua voz, atribuindo-lhe outros elementos, alguns deles radicalmente opostos ao texto recebido. *Estafeta dramatúrgica: 8x8* é um questionamento da autoria, autenticidade e, em última análise, da influência que recebemos uns dos outros. A multiplicidade dessas vozes aparentes em cada texto é uma esquizofrenia saudável, pois assinala como as obras são permeáveis a contribuições externas. Este projeto teve início em abril de 2020, sob o tema Urgência: Humanidade. *Estafeta dramatúrgica: 8x8* foi criado em colaboração com Cláudia Lucas Chéu, Joana Bértholo, Sónia Baptista, Jorge Loureiro Figueira, Jorge Palinhos, Ricardo Correia e Ruy Filho
 Local: Sala Estúdio, 15:00

A fragilidade de estarmos juntos P.555

Miguel

Castro

Caldas

E S P E T Á C U L O
A fragilidade de estarmos juntos é um espetáculo sobre os dilemas que surgem quando se vive casado com a democracia. Propõe um diálogo sobre temas atuais, complexos e estruturantes relacionados com o nosso futuro coletivo e individual: a democracia, o liberalismo, o populismo e a (re) ascensão de modelos autoritários. Apesar de pensada há algum tempo, a criação deste espetáculo acabou por ser acelerada pela receção e pelo impacto público da peça *Catarina e a beleza de matar fascistas*, de Tiago Rodrigues. Propondo-se a estender o debate sobre os temas levantados por este espetáculo, em *A fragilidade de estarmos juntos* a luta pelo (e de) poder e a capacidade de abdicar dele coexistem como bases estruturantes da democracia. Será este um sistema em que a sua força reside nas suas fragilidades? *A fragilidade de estarmos juntos* foi criado em colaboração com Ana Baliza, André Guedes (Dir. Art.), António Alvarenga, Cátia Serrão e Sónia Barbosa, a partir do projecto homónimo estreado em 2021 no Teatro Viriato.
 Local: Sala Estúdio e lugares públicos da cidade de Viseu, 18:00

Onironauta

P.649

Tânia

Carvalho

E S P E T Á C U L O
 Eles são sete, como os dias da criação. Sete bailarinos ou encarnações físicas de um onirismo sob controle. Sete corpos saídos dos amargos limbos de um sono acordado, dirigido e condicionado. Também em cena, o sono do seu demiurgo, Tânia Carvalho ao piano. A luz tem como nome “dia” e as trevas o de “noite”. *Onironauta* é o nome desta peça. Um nome emprestado aos viajantes capazes de controlar os seus sonhos, de dar forma, somente para eles, a um mundo de imagens e sentidos. Tânia Carvalho é uma entre eles. Criadora que nos convida, espetadores da sua viagem lúcida. Clarividente. Espetadores de frações de sonhos por vezes sombrios, como o são aqueles de uma coreógrafa que procurou durante muito tempo forçar a saída dos seus pesadelos. Para pregar rasteiras às trevas. Para dar um golpe ao real e aos truques que desafiam o seu espírito [*Pour achever le réel et les tours que lui joue son esprit.*] Tânia Carvalho cria pinturas movediças, arrepiantes, que interpelam como alguns sonhos perturbadores de onde saímos grogues e a tremer. Sempre inspirados. Acordados. (Quentin Dusser). *Onironauta* foi criado em colaboração com Cláudio Vieira, a partir do projeto homónimo estreado em 2020, no Centro Cultural Vila Flor (A Oficina), Teatro Viriato
 Local: Auditório, 21:00

29

FEV

Lançar de Dados – um seminário, por escrito, sobre teatro P.659

Pedro

Eiras

S E M I N Á R I O
Como se escreve? Como se escreve um seminário (em vez de dar um seminário)? Como se escreve um seminário sobre teatro (em vez de fazer teatro)? Acaso se pode escrever (e escrever não será também uma forma de fazer)? Entreabrir as portas da oficina, sim, pode-se; mas não é certo que uma oficina seja um lugar muito arrumado. Logo, continuemos a perguntar: deve-se arrumar uma oficina antes de entreabrir as suas portas? Ou deve-se mostrar o pensamento tal como ele é, tal como está, tal como se faz e desfaz, este balbuciar das dúvidas na penumbra da plateia, na luz difractada na boca de cena? Talvez se possa, apenas, lançar alguns dados: talvez a vida seja acasos e o teatro acertos – ou o contrário? Palavras, palavras, palavras – e, de onde a onde, um gesto, uma voz, um corpo no palco, um fio de sangue.

Local: Sala Estúdio, 15:00

A merda acontece P.679

Henrique **Furtado** Vieira

S E M I N Á R I O
Cada um dos meus projetos de criação é um conjunto de intenções escondidas às quais vou tentando aceder e dar forma. Não há ponto de chegada definido, e para dizer a verdade, também não há pontos de partida demasiadamente demarcados. Não é programático. É um passeio sem começo e sem fim. O que dificulta a sua definição e a sua descrição. Neste seminário escrito, o leitor acompanha, do meu ponto de vista, um dia inteiro passado na abadia de Royaumont, em França, atualmente um renomado centro cultural dedicado à investigação, criação e formação nas áreas da música e da dança. O seminário traduz-se num passeio psicogeográfico, numa deriva, por um antigo edifício religioso escatologicamente assombrado. É também uma investigação em torno dum conjunto de estranhos desaparecimentos e uma meditação sobre os paradoxos do olhar poético. Nem tudo aquilo de que falo se passou no espaço físico de Royaumont, mas foi suscitado pela pesquisa em torno da abadia. Ou seja, as ligações aconteceram mais na minha imaginação do que na realidade, numa démarche ficcionada e heterotópica (num mesmo lugar real sobreponho vários espaços – reais e imaginários – que, à partida, seriam, ou deveriam ser incompatíveis). Falo de coisas para falar de outras coisas, e de mim. A escrita é minha mas não sou o único a falar. As imagens animam-se e também falam. As imagens também são protagonistas. São intérpretes. O autor agradece a Aloun Marchal, Nathalie Le Gonidec, Tiago Barbosa, e Vera Nunes.

Local: Sala Estúdio, 18:00

Missed - en - Abîme (1917–1921) **Psicobiografia** de um Herói Perdedor P.715

Rogério

Nuno

Costa

E S P E T Á C U L O

Em 1917, Marcel Duchamp escreve 1917 num urinol virado ao contrário. Em 1919, desenha um bigode no mais importante retrato da história da arte, não o original (ele não é Banksy), nem sequer uma reprodução (a Pop ainda não havia sido inventada), antes um retrato que ele próprio pintou, assim copiando o original e, ao fazê-lo, quase repetindo Melville: “I would prefer not to.” Em 1921, Man Ray fotografa Duchamp enquanto Rose Sélavy, fechando o ciclo, ou então abrindo caminho para o desaparecimento do artista por trás do retrato. Um século depois, ainda não sabemos relacionar-nos, histórica ou artisticamente, com a radicalidade de tais gestos, ora descredibilizando-os (ou procurando-lhes novas autorias), ora atribuindo-lhes uma qualquer intransponibilidade ou irresolução histórica. Duchamp terá passado décadas da sua vida a fazer nada, razão pela qual Enrique Vila-Matas lhe terá dedicado algumas notas no seu romance dos autores-do-não *Bartleby & Cia.*: Uma vez, o artista Naum Gabo pergunta a Duchamp porque havia ele parado de pintar. “*Mais que voulez-vous?*”, responde Duchamp, levantando os braços no ar. “*Je n’ai plus d’idées!*”. A partir deste impasse, e através da ritualização de um isolacionismo queer e sacrificial, atrevo-me a revisitar a negligência de Duchamp, não para lhe atribuir uma solução (*parce qu’il n’y a pas de problème*) –, antes aceitar o insucesso, o afastamento e o esquecimento, quiçá o desaparecimento, não como rituais de vitimização ou opressão auto-infligida, antes como gestos de resistência. *Missed en Abîme* é uma criação a partir do projecto homónimo, estreado em 2021 no Teatro Viriato. O autor agradece a Ana Paixão, Ana Rito, Andreia Coutinho, António Câmara, Christopher Wessels, Cristina Grande, Cristina Planas Leitão, Eduarda Neves, Élvio Camacho, Francesca Rayner, Graça dos Santos, Inês Carvalho e Lemos, Jani Nummela, Jenni & Lauri Luhta, João Garcia Miguel, João Pedro Azul, Kristian Palmu, Luís Lázaro Matos, Mafalda Lencastre, Márcia de Sousa, Mariana Brandão, Mariana Tengner Barros, Maribel Mendes Sobreira, Mário Jerónimo Negrão, Mário Rosado, Mickaël de Oliveira, Niko Skorpio, Nuno Correia Pinto, Patrícia Portela, Pedro Rocha, Pia & Pertti Nummela, Pie Kär, Rickard Borgström, Rui Pires, Sérgio Novo, Susana Otero, Vishnu Vardhani.

Local: Museu Grão Vasco, 21:00

P.1027

Do encontro, duas conversas

Sílvia Pinto Coelho
e Fernanda Eugénio

CONVERSA

Oficina

A

ESPETÁCULOS

P.765

Drama, na
3.^a pessoa | Filipa Valente

P.825

Tudo é um nada | Rui Pina
novo: mise-en-page | Coelho

P.929

Geografia do Amor: | Diego Bragà
Manifestação

P.977

Atlântico | Tiago Cadete

P.1039

The Anger! The Fury! | Sónia Baptista

P.1057

Liga-me – Instruções
para Peça para dois | Patrícia Portela

SEMINÁRIO

P.745

O Fiasco do meu Fiasco | Jorge
- lembranças para o futuro | Palinhos

P.875

RESIDÊNCIA DE ESCRITA

Outra Escala | Sofia Dias
& Vítor Roriz

30

FEV

O Fiasco do meu Fiasco – lembranças para o futuro P.745

Jorge

Palinhos

S E M I N Á R I O
O Fiasco do Meu Fiasco é um seminário oral/escrito de reflexão subjetiva e performativa sobre as condicionantes do processo de escrita para teatro, no que tem de falível, aberto, e sempre em construção. Ao longo do texto serão dadas pistas de reflexão para compreender o sentido da escrita de teatro hoje, numa perspetiva de memória/esquecimento, tentativa e tentativa.
 Local: Casa da Memória de Guimarães, 15:00

Drama, na 3.ª Pessoa P.765

Filipa

Valente

E S P E T Á C U L O
Drama, na 3.ª Pessoa é um projeto de arte participativa, sem princípio ou fim definidos, que toma a audiência como matéria artística principal, para fruir das recompensas da participação, enquanto *work in progress* politizado. De cariz transdisciplinar, *Drama, na 3.ª Pessoa* serve-se do teatro, da performance, da sociologia e da arquitetura, para questionar as relações tradicionais entre arte e objeto, artista e espetador. As situações propostas neste Drama, resultam numa coleção de documentos e objetos que não substituem a experiência e possíveis interações efémeras, proporcionadas pelos eventos que o constituem. Mais do que tentar compreender, é imperativo experienciar, para alcançar a “verdade” deste projeto. *Drama, na 3.ª Pessoa* foi um trabalho desenvolvido ao longo do Laboratório END, com acompanhamento artístico de Rui Pina Coelho.
 Local: Centro Internacional das Artes José de Guimarães, 18:00

Tudo é um nada novo: “mise-en-page” P.825

Rui

Pina

Coelho

E S P E T Á C U L O
Tudo é um nada novo: textos para espetáculos na era da economia da atenção foi publicado pela editora independente Douda Correria em 2021. É um texto para teatro que tenta dialogar directamente com a voz que cada leitor cria para melhor “ouvir” os textos. *Tudo é um nada novo* é também uma peça que não espera palco. Ou melhor, são vários textos que não precisam de palco. É uma longa missiva dedicada à delicada Fratria de leitores. Esta versão “mise-en-page” será a estreia em página de alguns destes textos. *Tudo é um nada novo: “mise-en-page”* foi criado em colaboração com a Oskar & Gaspar.
 Local: Grande Auditório – Centro Cultural Vila Flor, 21:00

31

FEV

Outra escala P.875

Sofia Dias & Vítor Roriz

R E S I D Ê N C I A D E E S C R I T A

Outra Escala é uma transposição livre dos elementos de um espetáculo para um outro espaço de performatividade que é o do livro. Assumimos folha branca como um gênero de *site-specific* que determina o modo como percebemos as representações gráficas do movimento, do som, da luz, da cenografia, da voz e do texto, mas que também nos informa sobre outras constelações de sentido entre esses elementos. Uma performance-livro onde a ausência do corpo serve de apelo à imaginação de quem lê, livre dos constrangimentos dos inícios e dos fins, demorando-se num detalhe ou passando as páginas à pressa, construindo um espetáculo diferente à escala do imaginário. *Outra Escala* foi criado em colaboração com Joana Linda e Marta Ramos
Local: Jardins Vila Flor, 15:00

Geografia do Amor: Manifestação P.929

Diego Bragà

E S P E T Á C U L O

Uma carta de Amor a partir da herança do meu tio, contendo mil objetos. Me transformo em um dos objetos da sua herança – o desenho da Miss Universo – entro no barco e navego. Chego e me deito na pedra sacrificial. Um ato alização e um gesto de ressurreição em tributo à nossa Ancestralidade Queer.

Local: Pequeno Auditório – Centro Cultural Vila Flor, 18:00

Atlântico P.977

Tiago Cadete

E S P E T Á C U L O

Atlântico parte de uma viagem de cruzeiro de Portugal em direção ao Brasil, percurso outrora desconhecido pelos portugueses, transformado nos dias de hoje em rota de férias. Turistas viajam pelo mesmo caminho que já foi trânsito de corpos escravizados ou de marinheiros obrigados a sair do seu país para explorar esse denominado “Novo Mundo”. Esse oceano também é lugar de fábulas e monstros, desafios e superações. Que novo Atlântico é esse e que memórias revela quando passamos por ele? Este é um espetáculo de Tiago Cadete, artista português que tem vivido entre Portugal e o Brasil e cujo trabalho se situa nas fronteiras entre as artes performativas e as artes visuais.

Local: Centro Internacional das Artes José de Guimarães, 21:00

32

FEV

Do encontro, duas conversas P.1027

Sílvia Pinto Coelho e Fernanda Eugénio

C O N V E R S A

A partir da primeira palavra do título do festival *ENCONTROS de Novas Dramaturgias* desdobramos a ideia de “dramaturgias do encontro” e convidamos duas pessoas para conversar. Neste “encontro”, Sílvia Pinto Coelho pensa e conversa, em momentos diferentes, com Fernanda Eugénio e com Leonor Barata, sobre as possibilidades do encontro e do desencontro. O processo sobre a “dramaturgia do encontro” foi iniciado num encontro entre Sílvia Pinto Coelho, Fernanda Eugénio e Miguel Castro Caldas, em 2013, e não chegou a ser aprofundado. Para além da coincidência, no espaço e no tempo, que condições são necessárias para haver encontro?

Local: Pequeno Auditório – Centro Cultural Vila Flor, 15:00

The Anger! The Fury! P.1039

Sónia Baptista

S P E T Á C U L O

Nas Epístolas de Horácio é exposta pela primeira vez esta máxima: *Ira furor brevis est*. A ira é uma loucura temporária. Quanto tempo se mantém esse estado de urgência emocional? Essa paixão veemente? Durante três minutos? Em ciclos de meia hora? Ou será que conseguimos, num minuto passar da placidez à raiva, à ira, à fúria? Como é que construímos dramaturgicamente e emocionalmente uma sucessão desses momentos? Que forma têm, que forma ganham, essas paixões? São monstruosas? Somos, monstruosas? Sónia Baptista parte para este novo espetáculo da pesquisa e reflexão sobre textos clássicos, textos filosóficos contemporâneos, expressões de cultura popular, ensaios sobre sociedade e gênero, sobre ecofeminismo e sobre o desejo de uma vivência *punk* que desafia o status quo.

Local: Pequeno Auditório – Centro Cultural Vila Flor, 18:00

Liga-me – Instruções para Peça para dois P.1057

Patrícia Portela

E S P E T Á C U L O

Liga-me é uma peça para dois que só acontece ao telefone. A duração e o horário são incertos e dependem da disponibilidade do espetador e da performer. *Liga-me* não tem datas marcadas e não faz distinção entre itinerância ou temporada local. *Liga-me* é uma peça que se poderia escrever mas não se encontra publicada. Como todas as outras peças anteriores, que também poderiam ter sido publicadas e não o foram. A peculiaridade desta peça é que esta peça se estreia aqui, nestas páginas. Estreia-se com o seu prelúdio. As suas instruções. Se telefonar, poderá ser o primeiro espetador a assistir a este espetáculo. Ou o segundo, ou o terceiro. Ou o último. *Liga-me* pode começar em Portugal, acontecer na Bélgica e terminar no Japão, e tudo isto sem nenhum dos dois sair do lugar durante a chamada. *Liga-me*, e eu conto-te o resto.

Local: Grande Auditório – Centro Cultural Vila Flor, 21:00